



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Sobre documentários, dramas e comédias *O cinema que entra e o que sai das aulas de Geografia e a formação da subjetividade do professor de Geografia*

Gilberto de Carvalho Soares
Universidade Estadual de Campinas
gilberto.carvalho@uol.com.br

Resumo

O que constitui a subjetividade de um professor de Geografia? Quais devires e limites o ser professor de Geografia traz ao indivíduo? O que da relação entre cinema e escola nos permite compreender sobre este ser professor de Geografia? Estas são as questões que orientam estes textos, a partir das informações e inquietações geradas pelos resultados do formulário aplicado pela rede “Imagens, Geografias e Educação” nos mais diferentes cantos do país. E para isso, aproprio-me dos conceitos de rostos, rostidades de Deleuze e Guattari e de máscaras de Suely Rolnik para pensar a formação da subjetividade do professor de Geografia, num trabalho de esquizoanálise que visa seguir os buracos negros que se criam na relação do professor e da professora de Geografia com o mundo, explorando aquilo que separa o eu despropositado do projeto de professor de Geografia, que obriga o indivíduo-professor a excluir, fragmentar e suprimir da sala de aula ou de outras situações de sua vida. Os filmes que o professor exclui e os que inclui na sala de aula, denunciam os esquizos do ser professor, suas territorializações limitantes, que, anulam e suprimem o desejo e a diferença da sala de aula, direcionando o encontro na escola para um projeto alheio àqueles que ali estão, eliminando as potências e eventualidades que possam surgir, como nos lembra Doreen Massey, ao tratar do aspecto político do espaço.

Palavras Chave: Subjetividade; ensino de Geografia; esquizoanálise; espaço como encontro

Introdução

Escrever é traçar uma linha em meio ao caos do mundo. A escrita sempre envolve um alguém leitor, ou a expectativa de um, mesmo que sejamos nós mesmos, em outro tempo-espaço.

Escrever é experiência análoga à dos aracnianos, apropriando-me da metáfora de Fernand Deligny (2018). Tal como as aranhas, tecemos teias que buscam cantos e dobras para fixarem seus fios e a partir dali tecerem a rede. Um movimento pessoal, solitário, mas também de abertura e conexão com o mundo. Como humanos, atuamos *em rede*, tecemos em conjunto e individualmente. E é neste entre que desponta o humano como projeto. Aquilo que sem identificarmos ao certo de onde vem, tenta nos guiar para um *para*.

E a escrita que aqui se desenrola possui um *para*, o Colóquio, possível porque parte da rede “Imagens, Geografias e Educação”. E é neste momento em que definimos um *para* que a rede corre o risco de esfacelar-se, desconectar-se do projeto gestado no íntimo daquele que escreve, pela sobrecarga do projeto. O caminho está neste balançar-se na rede construída, tornando-me também aranha, capaz de conectar a teia gestada em mim, às outras teias que se tecem em encontros como o *para* a qual este texto se destina.

E este projeto se gesta do desassossego que sentia nas aulas de Geografia. O bom professor de Geografia foi desassossegado pela experiência de lecionar em um projeto social voltado para a formação de jovens para o mercado de audiovisual. O potencial de criação de



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

vida naqueles jovens de periferia que se encontravam no centro de São Paulo chocava-se com a apatia e burocracia da escola formal de jovens de classe média que ansiavam por vida. Desejava juntar cinema e Geografia. E foi este o desejo que me fez voltar à Campinas e reencontrar o professor Wenceslao Machado de Oliveira Jr. – o Wences –, que após alguns encontros e desencontros, abriu caminho para a minha primeira conexão com a rede através do exercício de tabulação da segunda rodada de formulários aplicados a professores e professoras de Geografia sobre sua relação com o cinema.

Desenvolvimento

Deste exercício realizado há cerca de um ano, ficou-me a inquietação sobre a disparidade de resultados do primeiro grupo de formulários, quando o gênero de preferência pessoal citado pelos e pelas docentes foi a comédia¹ e o segundo conjunto de formulários, em que os filmes de drama emergem como preferência dos professores tanto na sala de aula, quanto fora dela.

A comédia saiu da lista dos mais citados pelos professores brasileiros na segunda amostra - a citação de filmes deste gênero como gosto pessoal e para uso em sala de aula cai de 16% do total, para 9%. Por seu lado, o drama, gênero mais citado como gosto pessoal e para uso em sala de aula cai de 57% para 49%. No entanto, os documentários veem a sua citação quadruplicar – de 6% para 24%.

Neste sentido, as perguntas propostas por Oliveira Jr. (2017)² mantêm sua pertinência e arrisco-me a buscar na pesquisa que realizo sobre a subjetividade do professor de Geografia algumas respostas, a partir das reflexões que Deleuze, Guattari e Suely Rolnik nos propõe acerca dos rostos-máscaras que construímos na relação com o mundo, sendo o ser professor de Geografia é um deles.

Os rostos são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes. Do mesmo modo,

¹ Estes dados resultaram no artigo de **OLIVEIRA JR., W. M.**. *O Mistério das comédias entre o cinema e a escola: primeiras perguntas de uma pesquisa às respostas dos professores de Geografia*. 01/2017, XIII ENPEC - Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, Vol. 1, pp.1142-1162, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2017.

² “Deixamos o leitor com algumas delas: não seriam as comédias tidas como ampliação cultural ou como obra de arte? A exclusão ou a pouca utilização delas pelos professores poderia ser entendida como uma das maneiras de contenção da arte –como aquilo que inevitavelmente provoca desvio, ambiguidade, sem-sentido –pelas práticas docentes? As comédias brasileiras não se encaixariam nos conteúdos geográficos? Ou não lidariam com a dimensão crítica do riso? Ou seriam de qualidade ruim? Ou o grande risco, aquilo que trava o percurso das comédias entre o cinema e a escola, é exatamente o do riso como potência libertária, indisciplinada, pouco “séria”, experimentada por cada um desses professores quando vai ao cinema e por isso o amedronta introduzi-lo na escola? Mas seriam os professores mais compostos de medos que de desejos de libertação? Teriam receio do público que a comédia configura, já que “[a] comédia necessita do público para realizar-se em sua plenitude” (SELIGMAN, 2004, p. 3), o que faz com que o modo de assistir às comédias –por ser muito mais coletivo, ruidoso e contagiante –se distinga da forma de apreciar outros gêneros cinematográficos?”



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante. (Deleuze e Guattari, 2012)

No trecho acima, Deleuze e Guattari expõem a complexidade das relações dos indivíduos com o mundo, identificando nos rostos o elemento de conexão dos desejos que partem do indivíduo e as máquinas sociais abstratas. Em especial Guattari, que parte da psicanálise para libertar as pessoas da mesma, através de um processo que denominam de esquizoanálise:

um esforço de mobilização das formações coletivas e/ou individuais, objetivas e/ou subjetivas, dos devires humanos e/ou animais, vegetais, cósmicos... [...] Ela abandona, portanto, o terreno da interpretação significativa por aquele da exploração dos agenciamentos de enunciação, os quais concorrem para a produção de "afetos subjetivos" e "efeitos maquínicos" (refiro-me a tudo aquilo que envolve uma vida processual, uma problemática que se afaste, por pouco que seja, das redundâncias. estratificadas, um phylum evolutivo - seja de que natureza for: biológica, econômica, social, religiosa, estética, etc.).” (p. 268)

Este autor entende a psicanálise como uma instituição construída pelo e para o Capitalismo, criando uma barreira que impede os indivíduos de perceberem-se como seres sociais, restringindo os desejos e frustrações ao âmbito familiar, criando uma barreira entre o eu e o mundo que domestica o desejo, sujeitando o indivíduo à máquina, ou, o que é ideal, colocando-o como parte da mesma, numa servidão maquínica (e, por que não dizer com La Boétie, voluntária?!)

Assim, proponho um desvio às perguntas de Oliveira Jr. acerca da comédia e do riso e sua extrapolação para o choro e melancolia inerentes ao drama. Assim como o riso possui uma potência “libertária, indisciplinada e pouco séria”, a tristeza e melancolia inerentes à experiência com o drama seriam ameaçadoras à ordem escolar, visto que libertam afetos que “desmascaram” o professor moderno, senhor de sua ciência e conhecedor das verdades do sistema-mundo?

O mesmo movimento que exclui a comédia e o drama da sala de aula, impulsiona o documentário. Este último gênero de filme constituiu-se a partir de uma tradição de cinema que visava representar a realidade. O espectador não é demovido desta condição, não se busca e não se permite neste tipo de filme a confusão identitária entre espectador e personagem. O muro branco da tela onde se dá a projeção é o tempo todo reforçado – não se misture com seu objeto de análise, tal e qual o psicanalista neutro e benevolente do consultório.

O rosto não age aqui como individual, é a individuação que resulta da necessidade de que haja rosto. O que conta não é a individualidade do rosto, mas a eficácia da cifração que ele permite operar, e em quais casos. Não é questão de ideologia, mas de economia e de organização de poder. Não



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

dizemos certamente que o rosto, a potência do rosto, engendra o poder e o explica. Em contrapartida, determinados agenciamentos de poder têm necessidade de produção de rosto, outros não. (Deleuze e Guattari, 2012, Vol. 3, p. 47)

E a escola produz rostos e rostidades – de aluno, de professor, de bedel, de diretor, de pai. Rostos que precisam da escola para se realizarem e cujos indivíduos ali presentes relacionam-se com estes rostos de forma a vingar-gorar-descolar, como nos propõe Suely Rolnik. A escola sendo lugar, é um conjunto de conexões realizadas ou não, como nos ensina Doreen Massey. O rosto do professor realiza-se na escola e, a depender das histórias-até-ali que se encontrarem, o professor pode, a depender de seus “buracos negros” buscar novos limites para esse agir no mundo, abrindo novos possíveis também com o cinema. O fazer-se professor carrega uma concepção de Ciência asséptica e destituída de subjetividade, é o seu rosto moderno. E o documentário em sua perspectiva clássica de “explicar a realidade”, na maioria das vezes, cumpre esta função.

Percorre-me durante a escrita a memória pessoal que carrego da experiência como professor, que preenche meus pensamentos com falas como “Você traz os filmes para fazer algo diferente com os alunos e eles não estão nem aí!?”. A queixa sobre os alunos e alunas compõem o rosto deste professor e professora, preocupados com o futuro da humanidade diante de “uma geração tão desinteressada”. Ah, o conflito de gerações...

Mas foi este conflito de gerações que impulsionou obras como “O anti-édipo” de Deleuze e Guattari, surpreendidos por uma juventude que se revoltou contra a Universidade de seu tempo e a tentativa de controle de seus corpos através da separação dos alojamentos de homens e mulheres ou o cancelamento de palestras consideradas atentados à moral e aos bons costumes. Estes jovens negavam e negam os rostos que lhe são propostos, ao mesmo tempo em que tentam cumprir com outras rostidades atribuídas à juventude de uma geração anterior, marcada pela rebeldia do pós-guerra e do rock’n roll.

Se o riso da comédia, ou o choro do drama são excluídos como possibilidade para a sala de aula e substituídos pela assepsia de documentários ao estilo “*National Geographic*”, é por que o desejo é ameaçador. Leva a relação entre docente e discente para os ameaçadores buracos negros que individualizam os rostos e desterritorializam o SER. Neste sentido, mais seguro lidar com este desejo na forma de uma rebeldia ao que lhe é exterior, erguendo muros brancos que isolam a subjetividade em uma perspectiva familiar e pessoal – capitalística, contribuindo com o projeto institucional da psicanálise, que nos alertara Deleuze e Guattari, em Anti-édipo.

Abrir-se ao riso e ao choro em sala de aula é um processo arriscado, sim, porque esquivo. Arriscado porque rompe com o projeto escolar de uma liberdade a ser alcançada e coloca a liberdade como prática didática. Arriscado porque ao mergulhar em seus buracos negros e reconhecer seus muros brancos, tem-se o risco da loucura. Enfrentar estes riscos exige um espírito revolucionário e a abertura para a construção de linhas de fuga, como nos alerta Deleuze e Guattari:



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Desfazer o rosto não é uma coisa à toa. Corre-se aí o risco da loucura: é por acaso que o esquizo perde ao mesmo tempo sentido do rosto, de seu próprio rosto e do dos outros, o sentido da paisagem, o sentido da linguagem e de suas significações dominantes? É porque o rosto é uma organização forte. Pode-se dizer que o rosto assume em seu retângulo ou em seu círculo todo um conjunto de traços, traços de rostidade, que ele irá subsumir e colocar a serviço da significância e da subjetivação. [...] Entretanto, se desfazer o rosto é um grande feito, é porque não é uma simples história de tiques, nem uma aventura de amador ou de esteta. Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é, engajando devires reais, todo um devir-clandestino. Desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade. O programa, o slogan da esquizoanálise vem a ser este: procurem seus buracos negros e seus muros brancos, conheçam-nos, conheçam seus rostos, de outro modo vocês não os desfarão, de outro modo não traçarão suas linhas de fuga. (Deleuze e Guattari, vol. 3, p.64)

Considerações finais

Portanto, a depender dos agenciamentos possibilitados pelo espaço onde se dá o ser professor, e dos buracos negros que o constituem, é mais seguro conviver com a insatisfação e o esgotamento do possível do que com o cansaço³ do fazer revolucionário que busca atuar nos limites, realizar novos devires e correr riscos.

Assim, para pensar a subjetividade do professor de Geografia através da relação com o cinema, o que busco e encontrei no curso da disciplina e da pesquisa de mestrado é a necessidade de investigar os limites e escapes, os buracos negros e os muros brancos que o constituem. E o cinema é uma das linhas possíveis desta investigação e aquela que me possibilitou encontrar imagens que pulsavam neste ser professor que escreve e dialogar com os professores e professoras que responderam ao questionário da rede “Imagens, Geografias e Educação”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. *Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado* / Gilles Deleuze; tradução Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-édipo*. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

OLIVEIRA JR. W.M.. *O Mistério das comédias entre o cinema e a escola: primeiras perguntas de uma pesquisa às respostas dos professores de Geografia*. 01/2017, XIII ENPEC - Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, Vol. 1, pp.1142-1162, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2017.

MASSEY, D.. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

³ A referência aqui é a diferenciação que Deleuze faz entre cansaço e esgotamento, no texto “O esgotado”.